

Educomunicação: Temporalidades e Sujeitos¹

Adilson CITELLI²
Universidade de São Paulo - SP

Resumo

A reflexão a seguir buscou localizar dois problemas que integrados possuem forte repercussão também no universo escolar: as dinâmicas temporais e certa localização dos sujeitos no interior da vida social contemporânea. O que se lerá representa uma sistematização, sob perspectiva teórica mais geral, de alguns dados que levantamos em pesquisa realizada junto a docentes e discentes da rede de ensino fundamental na cidade de São Paulo e entorno. Em decorrência dos limites físicos deste texto houve a opção por circunscrever as constatações da pesquisa promovendo maior concentração em torno das inquietações conceituais por elas suscitadas.

Palavras chaves. Comunicação, educação, tempo, sujeito, história

Introdução

O mergulho de um bolinho em uma xícara de chá talvez seja uma das cenas mais emblemáticas da literatura pelo que facultou indagar acerca da memória e da recuperação do tempo. A personagem narradora de Marcel Proust, no romance *Em busca do tempo perdido*, ao fazer algo que nem era de sua rotina, tampouco do seu maior prazer, tomar chá com *madeleine*, poderia ser pensada como uma espécie de anti-herói desses nossos dias pouco simpáticos à *mnemosine*. Ingressamos em um ritmo de vida acolhedora do efêmero e que circula pelos museus das grandes novidades talvez à busca de um devir feliz localizado nalgum lócus construído pela realidade virtual. As virtudes da prudência e da temperança prostraram-se à margem da história cuja estrada principal assiste ao trânsito de celulares G alguma coisa, *fast-food trucks*, textos produzidos à contenção de, no máximo, cento e trinta toques. Tudo indica haver o relógio inventado um andamento prestíssimo estimulando o sentimento de urgência cujos limites não cabem na aparentemente curta duração da jornada diária.

O tempo pretérito transformado em aliado positivo do narrador proustiano é revestido seja de infinda riqueza de imagens, de percepções e sensações iluminadoras, seja

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² . Professor Titular do Departamento de Comunicações e Artes. ECA-USP. citelli@uol.com.br

de vigorosa potência que ao não se deixar levar pela idéia corrente de emergência, promove indagações, em larga perspectiva, acerca dos sentidos da existência, dos dramas mais fundos e íntimos que acompanham o ser humano. A tarefa não é pequena e a operação de resgate – que não exclui trazer à tona o sofrimento – das tramas da memória adormecidas nas dobras do tempo pede paciência, passo lento, ritmo quase sempre incompatível com as solicitações de estratégias produtivas exercitadas pelos velhos modelos industriais do taylorismo e do fordismo ou pelas inovações toyotistas abrigadas sob os designativos de just-in-time, kanban, kaizen, etc, expressões que podem ser amalgamadas na idéia geral de uma racionalidade produtiva voltada à eficiência e à redução de custos operacionais.

A referência particular ao primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*. No caminho de Swann, funciona metonimicamente para lembrar que as discussões sobre o tempo, e a relação dele com o sujeito, acompanham as reflexões filosóficas, científicas, as realizações artísticas em diferentes momentos e sob distintas latitudes. Aqui não cabe retomar a riqueza que envolve o debate sobre a temática do tempo, sequer entrar em discussões teóricas que levam pensadores como Mikhail Bakhtin a preferir utilizar o conceito de cronotopia para não separar as dimensões de tempo e espaço, ou mesmo acompanhar ou indagar as centenas de obras literárias, pictóricas, musicais, cujos eixos de realização elaboram-se em torno das idas, vindas e cruzamentos entre passado, presente ou futuro. O nosso interesse é limitado e gira, sobretudo, em torno de poucos aspectos atinentes a características da vida presente, matizadas pelo tempo, em particular naquilo que alcança as dinâmicas educativas, sejam formais, informais ou não formais.

Tal inflexão decorre da pesquisa que realizamos junto à rede de ensino básico da cidade de São Paulo e entorno³, sobretudo alcançando escolas públicas da cidade de São Paulo e municípios próximos. Neste percurso atentamos para uma série de preocupações concernentes aos modos como os sujeitos educativos – em particular docentes e discentes – se relacionam com as questões temporais, em particular quando são elas vinculadas aos dispositivos da comunicação mediada.

³. Realizada para o CNPq entre 2014 e 2015 está em fase de análise. Da pesquisa fizeram parte 197 professores e 699 alunos dos níveis fundamentais e médios. O escopo da investigação diz respeito às interfaces da comunicação com a educação, tendo por eixos temas referentes aos hábitos midiáticos, aos vínculos com as tecnologias, às expectativas formativas em uma sociedade marcada pela aceleração social do tempo, para ficarmos em alguns dos pontos que interessam ao presente texto. O relatório preliminar do material está em posse do autor.

Vários autores, de que servem como exemplos Jonathan Crary, Hartmut Rosa e Paul Virilio, estão ocupados em pensar as recorrências entre determinadas estruturas organizadoras da vida contemporânea em suas angulações socioeconômicas, culturais, comportamentais, etc., e os mecanismos que as atravessam por maneiras de identificar, perceber e operar com o tempo. Expressões como efêmero, líquido, transitório, saídos de Gilles Lipovetsky ou Zygmunt Bauman, convergem na indicação de um cenário histórico marcado por novos mecanismos de produção e circulação do capitalismo globalizado, pós-industrial, assentado nas dinâmicas financeiras, no forte estímulo ao consumo e sob imperativos tecnológicos que tanto imprimem rapidez como descentram os processos de comunicação.

É neste contexto que se pode situar o problema da aceleração social do tempo. Aqui não se trata de reconhecer, contudo, a evidência de as rotinas da vida cotidiana, particularmente nas grandes cidades e junto a vários segmentos sociais, serem ancoradas por dinâmicas fluídas, momentâneas, passadiças. A regulação dos horários, compromissos, assim como a duração técnica ou até tecnológica dos produtos – concebidos para resistirem por uma estação de novidades – serve para exemplificar o princípio geral da fluidez que objetiva ou subjetivamente marca as nossas relações com as mercadorias, bens e serviços. Deste movimento não se vêm livres sequer os territórios mais íntimos dos desejos, expectativas e afetos. Daí a percepção do “encurtamento” dos dias e do ano, e mesmo da evidência segundo a qual “as coisas estragam mais rápido” – expressão de uma verdade não necessariamente provocadora de maior preocupação junto ao consumidor, haja vista que os imperativos do *marketing* tenderam a promover uma espécie de cultura do *up to date*; neste vetor, nada mais fora do lugar do que carros, geladeiras, celulares, postos na listagem a ser pregada no *hall* de entrada do museu das coisas superadas, fora de linha, desatualizados e a serem substituídas com a máxima celeridade possível.

É necessário, entretanto, entender tal conjunto tópico de evidências sob angulação maior. O carimbo do perecível e do volátil estampa, como as velhas autorizações religiosas do *imprimatur*, a cadeia produtiva naturalizando as relações entre ela e os sujeitos. O fato de, muitas vezes, os produtos apresentarem mudanças apenas no terreno do *design*, não exclui a procura deles por parte dos consumidores que os esperam, desejam ou buscam como se disputassem uma corrida com direito à obtenção de um troféu pela vitória – a se verificar as filas quilométricas formadas em torno das lojas especializadas a cada anúncio da Apple ou da Microsoft para o lançamento da nova “geração” de celular ou jogo

eletrônico. A estratégia voltada à criação de expectativas mercadológicas em torno de bens e serviços é algo que já faz parte dos chamados ciclos de vida da produção material e mesmo imaterial ficando limitada, apenas, por fatores concernentes aos ambientes econômicos – nos quais a oferta creditícia tem papel de enorme relevância –, à regulação entre as possibilidades de absorção do mercado e os mecanismos inovadores, a questões de ordem propriamente logísticas. A novidade que se apresenta em nossa quadra histórica reside no fato de aqueles ciclos de vida terem se tornado cada vez mais reduzidos, logo, naturalizando uma espécie de paradoxo que atende pelo nome de “obsolescência programada”.

Parece-nos, entretanto, que o roteiro colocado acima, a despeito de indicar um conjunto de manifestações constatáveis nas dinâmicas de produção, circulação e consumo das mercadorias, em suas diferentes formas, precisa ser tratado sob perspectiva que reconheça a possibilidade de estarmos frente a mecanismos estruturantes da vida societária em nosso tempo. Equivale dizer, os fatores de instabilidade, rapidez, transitoriedade, efemeridade, etc., que entram na normatização dos vínculos entre sujeitos e coisas, sujeitos com outros sujeitos, sujeito consigo, deixam de representar, apenas, um conjunto de aspectos a cruzarem as nossas relações cotidianas, passando a esclarecer formas de vida, mecanismos de ser e estar no mundo. A questão transcende, portanto, o simples indício de mudanças no desenho como as sociabilidades são ativadas nos espaços escolares, ou no reconhecimento de que as tecnologias promovem novos comportamentos, haja vista tratarmos de reconfigurações amplas nas estruturas culturais, sociais, psicológicas, até mesmo das habilidades físicas – a se ver como o recurso *touch screen* redimensiona o papel desempenhado pelos dedos na manipulação de certos dispositivos técnicos. O reconhecimento de que “nada é feito para durar muito”, “é preciso dinamizar a aula para manter o aluno atento”, “se você quiser manter o emprego é melhor realizar cursos de formação permanente”⁴, pode compor um conjunto de lugares comuns, estereótipos, construções expressivas a identificarem certo grau de compreensão das coisas, mas que, entretanto, não retira do seu interior as marcas estruturalmente assentadas na percepção prática de estarmos frente a uma realidade diferente em suas regras, normas e procedimentos. Agregariamos: diferente e complexa haja vista trazer em seu bojo bônus e ônus resultantes dos arranjos patrocinados por novas condições de circulação do capital, das mercadorias, dos empreendimentos tecnológicos, dos requisitos formativos e mesmo

⁴. Frases aleatórias colhidas em nossa já referida pesquisa.

escolares, dos fluxos de comunicação, enfim do amplo arco de mudanças que alcançam os múltiplos segmentos da vida social.

2

Perguntados acerca dos motivos pelos quais afirmavam preferir ter aulas apoiadas em dispositivos de comunicação como computador, televisão e internet, muitos alunos promoveram associações do seguinte tipo: “(...) podemos conseguir muito mais resultados e mais rapidamente”; “o conhecimento chega mais rápido e prático”; “porque poupa tempo”; “facilita muito o aprendizado e é mais rápido”⁵. Compreende-se que nestas e outras respostas similares exista em boa parte das escolas nas quais realizamos a nossa pesquisa um elo quase imediato entre facilidades permitidas pelo uso das novas tecnologias nas salas de aula e economia de tempo. Cabe entender um pouco melhor as assertivas.

Um dos elementos importantes que acompanham as reorientações estruturais da contemporaneidade é a sensação, percepção, compreensão segundo a qual existe uma aceleração do tempo social. Claro está que não temos o propósito de olhar o problema sob a sua angulação maior, na qual se incluem, por exemplo, as reflexões ontológicas atinentes à filosofia, a áreas da física ou da matemática, mas seguindo os limites dados por movimentos das sociabilidades e do reconhecimento de que de que tal aceleração promove mudanças nas próprias dinâmicas da educação formal. O século XX carregou consigo um tratamento especioso do tempo, na medida em que a velocidade, o contato rápido permitido pelos meios de comunicação, a idéia de um encurtamento do espaço, foram se impondo como realidades inescapáveis e com capacidade para suscitar profundas mudanças nos modos de organizar a vida em sociedade. Um conhecido teórico da literatura, A.A.Mendilow, entendeu que as novas maneiras de perceber o tempo haviam se tornado a verdadeira obsessão dos sujeitos no século XX. Em seu *Time and the novel* (2000), no qual existe uma longa discussão visando a mostrar como as manifestações artísticas, a exemplo dos ritmos sincopados do jazz, dos romances – como se lê em Proust –, e acrescentaríamos de filmes como *Tempos Modernos*, ou de boa parte da obra de Ingmar Bergman, incorporaram planos de transitoriedade, irreversibilidade, sequência, todos eles, nalgum nível, implicados diretamente com a questão temporal. Na de Mendilow poderíamos dizer que os desafios atinentes ao tratamento do tempo trouxeram para si diversos cenários:

⁵. Idem

produção material; desenvolvimento científico; planos simbólicos; implicações psicossociais, etc.

Ampliando e atualizando este debate, Hartmut Rosa introduz em seu livro, *Social acceleration: a new theory of modernity* (2015), uma estimulante discussão sobre o tempo, pensado à luz dos processos de aceleração social. Tal ativação é facultada pelo cruzamento de três vetores fundamentais: os ritmos de implantação e difusão dos sistemas e processos técnicos e tecnológicos, manifestados em áreas como as de transporte e comunicação; a intensidade das mudanças sociais, identificáveis nas hibridizações culturais, nas migrações, nas visões de família, nas relações de gênero, nas novas estratégias voltadas às lutas por inclusão social, nas estruturas associativas (a se ver a idéia de coletivos e outras formas de organização que colocam em cheque os mecanismos tradicionais de representação calcados em partidos políticos e sindicatos); a dinamização nos ritmos de vida, com padrões de comportamento que se fazem alinhados com os dispositivos de comunicação – mídias locativas, microcomputadores, conexões online –, a fragilização do pertencimento estável, a sobreposição de atividades, a redução nas horas de sono, a corrida por uma alimentação sem perda de tempo, na qual a *fast-food* reina soberana.

As várias intersecções destes três vetores promovem modificações marcantes no plano material, econômico, nos modos de os sujeitos articularem os seus cotidianos e os vínculos intersubjetivos que instituem. Trata-se de uma circunstância histórica que (auto)ajusta as dinâmicas temporais às demandas da produção e circulação das mercadorias, bens e serviços, assim como as expectativas e experiências pessoais e coletivas.

Este processo explicita a existência de certo paradoxo, pois seria esperado que as facilidades carreadas pelas tecnologias trouxessem no seu interior mudanças, digamos, positivas nos compassos da vida, a exemplo da ampliação das “ilhas de desaceleração” (spas, lounges executivas, hotel fazenda de fim de semana), do tempo livre e de lazer das pessoas. Tal movimento de estar-consigo, um deslocamento das exigências que atravessam diretamente as relações de produção e mesmo os modos de se vincular frente a um mundo cheio de ofertas técnicas consoantes à velocidade, fica suspenso, ao menos em suas linhas gerais, haja vista a força da aceleração social que acompanha os andamentos temporais coetâneos e que costumam incluir as “doenças do tempo”, em suas várias síndromes de natureza psicológica, emocional.

Importa observar no debate envolvendo a aceleração social do tempo, ainda com Hartmut Rosa, é que estaríamos diante de formações estruturais e culturais da alta

modernidade claramente em choque com o “shrinking of the present”⁶, o fragmento temporal em que à diminuição das marcas do passado corresponderia o aumento nas expectativas tocantes ao futuro, motivo pelo qual fica impresso no *hic et nunc* a estranha sensação de o cotidiano acompanhar um cenário fugidio, uma passagem fluída, liquefeita, registro momentâneo de um instante de perigo⁷. Deixa de provocar espanto o fato de o efêmero, ou a obsolescência, associarem-se a variados tipos de mercadorias, a informação ser buscada através das conexões online – conquanto possam misturar toda sorte de imprecisões e boataria –, o dinheiro cruzar o planeta em minutos bastando que sejam disparados comandos de computador, a turbina do avião a jato reduzir as distâncias, as aulas de inglês ou balé começarem no alvor da existência. Em uma circunstância social dominada “cada vez mais pelo elemento episódico dos eventos e das ações (...) que encolhem os traços deixados na memória” (ROSA: 247), é compreensível sejam dirigidas piscadelas rumo ao presente e muxoxos ao passado, fazendo da xícara de chá e da *madeleine* de Proust meras figuras de linguagem, ecos de um pretérito pouco ajustado aos apelos da urgência e da celeridade, instâncias estas cuja obsessão sinaliza permanentemente para o advir.

Em síntese, está em pauta não apenas a constatação tópica – menos ainda o espanto ou a nostalgia – de que ocorrem mudanças na forma de a alta modernidade viver e perceber a *durée*. Trata-se, agora, de reconhecer que a aceleração do tempo social confere à contemporaneidade marca estrutural, abrigando em seu leito diáfano – carregado ou não de ironia – a experiência vivencial dos sujeitos.

3

O estreitamento do presente está associado à percepção ou mesmo ao reconhecimento de que a transitoriedade se faz como permanência. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, para recuperarmos a conhecida passagem de Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848: instrumentos de produção, ideologias, formas de governo, instituições, processos de aprendizagem, querem estabilidade e certeza em um reino cuja tensão permanente promove desequilíbrio e fluidez. O fugidio entra no baile de máscaras escondendo por trás da metafísica idéia de eternidade o que traz consigo os elementos de sua própria destruição.

⁶. A assertiva referida ao “encolhimento do presente” aparece em várias passagens do referido *Social acceleration: a new theory of modernity*.

⁷. Para retomar a afirmativa de Walter Benjamin nas *Teses sobre filosofia da história*. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.

O fato de a transitoriedade ser o grande *continuum* da história, que a registra e a examina sob as variadas angulações discursivas, não exclui seja ela reconhecida como vetor decisivo para se pensar a contemporaneidade. E mesmo quando os fingimentos da permanência se impõem, expressando enunciados singulares, à maneira de “sociedade digital”, a fração de tempo estabilizadora que cria os indicadores de autonomia seja no terreno tecnológico seja no conceitual seja no comportamental revela, por fim, a ilusão momentânea da perenidade.

Eventos que marcam o presente são esclarecedores deste jogo, no mais das vezes ideológico e de recorte simbólico, entre, por exemplo, acreditar no duradouro, mas evidenciar o contingente como se verifica nas propostas de austeridade econômica como condição necessária do sofrimento momentâneo para se alcançar um logo-ali venturoso ou a limpeza na classe política e a prisão dos malversadores do bem público sinalizando um futuro de hígida moralidade. Enfim, o ideário da permanência travestido no transitório: afinal está em causa o desejo de preservar as bases de um sistema montado na expansão dos lucros, nos deslocamentos transnacionais do dinheiro e das mercadorias, na concentração de renda, conforme Thomas Piketty (2014), na manutenção de esquemas de mando e poder que passam longe dos alvissareiros resultados prometidos após os sacrifícios a serem cumpridos pelos já sacrificados.

De toda sorte, as nossas circunstâncias históricas, sociais, culturais, tecnológicas, aprofundaram a idéia do tempo socialmente acelerado, o que levou Jonathan Crary (2014) a identificar no sono, uma espécie de última barreira a ser vencida para que a produção e o consumo possam funcionar vinte e quatro horas nos sete dias da semana. Vale dizer, o fluxo contínuo, o ritmo febril, o dia e a noite em plena fusão, o império do relógio, os aditivos químicos para manter o sujeito acordado, a conexão ininterrupta via smartphone entre os compromissos profissionais e a sala de espera no cinema, os compartilhamentos online que, muitas vezes, acontecem em meio a festas e jantares fusionando público e privado, indiciam que o tempo morto/livre é adversário importante a ser combatido pela celeridade líquida de uma conjuntura que dispensa à solidez os esgares do sarcasmo. Hartmut Rosa e Jonathan Crary convergem no atinente ao ponto que estamos destacando como uma das marcas caracterizadoras da alta modernidade, portanto em condições de alcançar diferentes instituições, entre elas as escolas: a pressa, a velocidade, o açodamento,

tudo seguido da superoferta de mercadorias, bens e serviços que combinam, graças aos procedimentos de retroalimentação, com o consumismo. Ou ainda, os mecanismos de aceleração e diversificação tecnológica criam os ambientes no interior dos quais os indivíduos – respeitando-se particularidades culturais, de classes, econômicas, etc. – definem interesses, conformam valores, entram no debate público, assumem formações discursivas, ativam processos de comunicação, enfim, singularizam mecanismos de integração na dinâmica social e de construção das sociabilidades.

Frente a tal conjuntura, resta a pergunta acerca de como as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, família, etc., localizam-se no afeito à aceleração do tempo social, da dominância, dos dispositivos tecnocomunicativos, tecnoculturais (CITELLI, 2015), do aparente desconforto que decorre do já discutido “shrinking of the present”.

4

A cultura baseada nos processos de intensa mobilidade, na qual e para a qual os meios de comunicação e as tecnologias digitais jogam papel decisivo, traz consigo as dores e as delícias do elemento transitório como, de um lado, a facilidade para circular informação e, de outro, a superficialidade nas relações, açodamento pragmático, impaciência no que exige ritmo lento – a exemplo do estudo sistemático e da reflexão, elementos decisivos na formação escolar dos estudantes. De certo modo e situada a equação em ângulo maior é neste âmbito flexível, precário, fluído, que individualidades e subjetividades ganham constituição alcançando particularmente os jovens. Conquanto não se trate, no momento, de modular a assertiva geral – em trabalho de fôlego maior seria necessário ir além das generalizações, haja vista as singularidades de classes e grupos dos mais de cinquenta milhões de alunos de nossas escolas de ensino básico ou dos seus quase dois milhões de professores, boa parte deles composta por “nativos digitais” –, o que evidenciamos é a existência de certo quadro histórico circundando a formação dos sujeitos nos lineamentos da aceleração social do tempo.

Christian Laval e Pierre Dardot desenvolveram no livro *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2016) perspectiva segundo a qual um novo tipo de

sujeito, o neossujeito, teria entrado em cena preenchendo o lugar outrora reservado aos modelos formulados em torno do velho liberalismo⁸.

O neossujeito está destinado a ser um “empreendedor de si mesmo”, vivendo em uma realidade que passou pela crise do socialismo real, da social democracia, e, especialmente nos países europeus do pós-guerra, como França, Inglaterra, Alemanha, vivendo a experiência do estado de bem estar social, o *welfare state*. O advento do que se convencionou chamar de globalização, da implantação das empresas transnacionais, da ação avassaladora do mercado financeiro, das estratégias comunicativas permitidas pelos dispositivos digitais e colocados, fortemente, a serviço, das novas lógicas de circulação do capital, trouxe consigo redefinições nas diferentes maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo. As relações de trabalho, mais ou menos formalizadas, as disputas por melhores empregos e salários, os certames por um lugar na pós-graduação, tendo em vista a criação dos diferenciais formativos, o concurso pelo destaque simbólico dado pela moda, pela celebridade, enfim, pelo reconhecimento público, dependem de ações levadas a termo por competidores, estejam eles no escritório, nas Universidades, nos programas de televisão, de olho no cargo de chefia, atuando como pessoa jurídica (celebrado no Brasil pela sigla PJ), em renhida porfia tendo em vista a obter, como pequeno empreendedor, alguma fatia de mercado, vendendo força de trabalho como *freelancer*, investindo em projetos que serão submetidos, ao lado de tantos outros, a órgãos públicos ou empresas privadas. Enfim, dura e desgastante é a porfia pela sobrevivência material ou simbólica, por alcançar *a place in the sun* em tempos de austeridade, desregulamentação, limitações de direitos sociais e trabalhistas.

Uma sociedade gerida por/ou como se fosse um ajuste empresarial – empresas não são comunidades de afetos ou lugares de realização pessoal, mas unidades de competição e geração de lucro – traz em seu bojo, respeitadas as exceções, escapes, contraposições que, felizmente, teimam em cutucar e incomodar, outras manifestações das subjetividades e sociabilidades. O estímulo à competição (um dos vetores decisivos para se estruturar o capitalismo pós-industrial; os outros dois seriam o consumo e o crédito), não se faz alheio à dinâmica concreta que atravessa a vida dos indivíduos. Ao contrário, o “mundo da vida” – o terreno da circulação simbólica, dos fluxos das linguagens, das constituições ideológicas, das normas sociais, das subjetividades – está em forte vínculo com o “sistema” – a

⁸ . Para muitos autores o liberalismo é um neoliberalismo abemolado. De certa maneira, os nomes de Adam Smith, Thomas Hobbes, John Locke ou Montesquieu, fundadores da perspectiva liberal, foram sucedidos por doutrinadores considerados referências do neoliberalismo como Friedrich Hayek, Milton Friedman e Ludwig Von Mises.

reprodução material, as adequações entre meios e fins, assimiladas pelo poder político e pelas lógicas econômicas (HABERMAS: 1997; 2012)⁹. E um dos aspectos evidenciados na trajetória das subjetividades e sociabilidades contemporâneas é a busca de reconhecimento no campo das artes, da educação formal, das atividades profissionais, esportivas, etc., normalmente associadas aos atributos de eficiência e competência.

O neossujeito, movido pelo “agir sobre si”, estaria aprofundando os processos de ultrassubjetivação. Tal fenômeno de “viver consigo”, um entre muitos, de estar plugado vinte e quatro horas, sete dias por semana, para retomar Jonathan Crary, já havia sido percebido, respeitados os limites e as circunstâncias técnicas do pós-guerra, por David Riesman, em *A multidão solitária* (1971)¹⁰, ao analisar a nova classe média que emergiu no contexto da sociedade de massa e da crescente importância dos meios de comunicação. E verificou que os fenômenos da introdireção e da alterdireção, ao mesmo tempo o isolamento e o fechamento dos indivíduos ganhava celeridade. A despeito de estarmos frente a uma afirmativa cujos limites estão dados pelo tempo da enunciação, nela sobrevivem ecos e ruídos com força para permanecer nos desafiando.

Agregue-se, porém, que os novos dispositivos tecnossociais redefiniram as relações entre as pessoas, permitindo, por exemplo, através das redes de compartilhamentos, a intensificação de fluxos colaborativos entre os “indivíduos de massa”, conforme lembra Manuel Castells (2009). O estudioso espanhol vê maior complexidade desta comunicação pessoa a pessoa numa base de amigos do *facebook*, do que as reações ocorridas no anonimato das massas, ou das multidões solitárias, segundo o conceito de Riesman. E tal singularidade que alinhava os processos de interação e relacionamento consignam, em nossa quadra histórica, vínculos estreitos com o emprego dos aparatos tecnossociais. Ou, na assertiva de Derick de Kherckove (2015, p.15): “Particularmente, podemos ver uma redefinição gritante da distinção entre público e privado no contexto conversacional dos sites conectados a redes sociais, assim como a emergência de novas formas de intimidade e a expressão de emoções que reforçam tanto a ação individual como a interação social”.

5

A afirmação dos processos de conectividade e a sua evidente presença na vida contemporânea, assim como a constatação de que as tecnologias permitem ampliações no

⁹. É preciso considerar que o próprio Habermas reviu a ideia de colonização do mundo da vida pelo sistema, introduzindo explicações mediadoras, sobretudo vindas da área do Direito.

¹⁰. A edição original de *The Lonely Crowd* é de 1950 e foi escrita com a colaboração de Reuel Denney e Nathan Glazer.

sentido do pertencimento, ajudam a compreender certo estado das coisas, reconhecido, inclusive, por docentes que participaram de nossa pesquisa, conforme manifestação de um deles: “Este terceiro milênio é marco de transformações tecnológicas, a escola tem que inserir estes meios em prol da educação”. Entretanto, para debate mais abrangente acerca dos modos de ser e existir dos sujeitos contemporâneos é imperioso ir além da verificação segundo a qual as redes sociais, a www, facilitam mecanismos de integração das “inteligências coletivas”, em que se pode trocar conhecimentos e informações com um grupo “*sem sermos eliminados pela identidade do grupo*”. (KERCHOVE, 2003, p.26).

A questão sobre a qual nos debruçamos indica que os indivíduos, pensados enquanto categoria singular e historicamente constituída, têm o seu sensorio fortemente atravessado por alguns parâmetros para os quais ocorrem os processos de globalização e dos modos neoliberais de produzir, circular e consumir mercadorias, bens e serviços, promover os fluxos dos capitais e suas estratégias de remuneração, estabelecer critérios de valor, suscitar redes simbólicas e de representação social. E aqui nos defrontamos com certa modelagem discursiva, padrão que promove restrito conjunto de temas, argumentos, pontos de vista, sobretudo quando estamos diante dos meios de comunicação hegemônicos, espalhados por canais de televisão, jornais, revistas e mesmo blogs e redes sociais cuja determinação para fingir novidade mal consegue esconder as fundas cicatrizes da repetição ancorada na paráfrase.

A este sensorio se adjunta a marca do sujeito competitivo enquanto expressão singular de uma angulação que poderíamos chamar de “empresariamento” da vida privada. A convergência entre os dois planos, em sua rota de tensões, oscilações e mudanças, guarda semelhanças com as próprias dinâmicas das companhias, elas também com os seus ciclos internos de vida e morte, guerra de concorrência, luta por mercados, alterações nas formas dominantes do capital, outrora posto à sombra da indústria e agora das finanças. A natureza cambiante dos processos traz consigo a inflexão segundo a qual as empresas precisam mudar e ajustar ou adaptar os seus mecanismos de gestão e inovação; não estamos longe dos neossujeitos ocupantes dos lugares gerenciais e executivos, mas cuja vida profissional pode ter curto prazo de validade, o que lhes aumenta os níveis de stress, insegurança e demais problemas psicológicos¹¹.

¹¹ . DARDOT e LAVAL (2016, p. 370) mostram como o fato de os funcionários estarem sob o signo da concorrência e trazerem daí uma série de problemas emocionais, psicológicos, não é de todo mal visto por alguns conglomerados: “Andrew Grove, presidente da Intel Corporation, preconiza um método de direção que liga diretamente a norma da competição a uma gestão “psicotizante” do pessoal. ‘O medo da concorrência, o medo da falência, o medo de errar, o medo de perder podem ser motivações poderosas. Como cultivar o medo de perder dos nossos funcionários? Nós não

Entende-se que a concorrência não seja um problema apenas exógeno, na luta entre empresas pela preservação e ampliação de mercados, ou de sujeitos entre sujeitos com vistas a conquistar ou garantir empregos ou iniciativas econômicas próprias, mas também endógena, afinal o sucesso e a posterior manutenção dele, fica na dependência, sobretudo, dos investimentos que as companhias fazem para aperfeiçoar as suas gestões ou dos sujeitos consigo-mesmos (cursado boas universidades, realizado cursos no exterior, falar várias línguas, estar em programas de formação continuada, etc.). O cenário é, portanto, complexo, decorrendo da fusão de marcadores particulares para os quais ocorrem novas relações de produção, transformações no terreno tecnossocial e na constituição dos sensórios.

Considerações finais

Ao pensarmos o problema da educação formal em seus nexos com a comunicação tendo em vista um debate mais amplo envolvendo os temas da aceleração do tempo social e da formação dos sujeitos, intentamos considerar um quadro histórico no qual convivem discentes e docentes das escolas brasileiras. E, neste caso, foram enfatizadas duas questões centrais, que, articuladamente, merecem ser, em outro momento, aprofundadas: uma afeita a certas características que conformam a sociedade contemporânea, sobretudo no afeito aos temas acima suscitados – e sobre as quais nos debruçamos sob forma de síntese –, e outra atinente a preocupações com os processos formativos, educativos, que acompanham a vida nas escolas.

O lócus que pode orientar tal debate é o reconhecimento dos modos de se organizar as lógicas do capital, das articulações nos planos da cultura e da sociedade, dos lineamentos que orientam uma nova racionalidade, em momento de afirmação de normas jurídicas e de ações políticas que, resumidamente, podem estar contidas no termo desregulamentação. Em um termo, os contratos elaborados pelas novas formas de promover os fluxos de mercadoria e do dinheiro, da função do Estado, dos conceitos ideológicos, das visões sobre a organização da sociedade, do lugar dos indivíduos no interior deste sistema, do papel desempenhado pelas tecnologias, particularmente das comunicações, funcionam como

podemos cultivá-lo nos outros se nós mesmos não o sentimos””. Parece compreensível parte das depressões, angústias, síndrome de Burnot, e tantos outros distúrbios psicológicos e emocionais que marcam o nosso tempo. Uma das categorias profissionais mais afetadas por este quadro é a dos professores das escolas públicas. São conhecidas, ainda no âmbito das salas de aulas, as conseqüências para os discentes marcadas pela idéia do insucesso no aprendizado, pela ansiedade pela realização de metas na educação formal, muitas vezes estabelecida mais pelos pais do que propriamente pelas possibilidades cognitivas ou expectativas dos alunos. Ver artigo de Amaral, Olavo (2015).

vetores fundamentais na constituição dos sensórios, nos modos de ser e estar no mundo. É provável que estejamos frente à fragilização de certa herança republicana – posta, com maior ou menor grau de idealização, na esteira dos valores iluministas, com alguns nexos afeitos aos temas da igualdade e da fraternidade – e ao fortalecimento de uma ordem histórica cujos valores dominantes passaram a ser representados pelas inflexões da concorrência, da aceleração do tempo social, da conformação do “neossujeito”. Tal quadro não é, certamente, linear, tampouco a sua marcha deixa de sofrer as interveniências dos contradiscursos ou de ações de resistência como se verifica em várias partes do mundo, através de movimentos sociais, lutas por causas ambientais e de equidade de gênero, organizações políticas não alinhadas às usuais estruturas partidárias, etc.

Desejamos evidenciar, contudo, que a educação formal ocorre, ainda, nos limites das referidas novas racionalidades e entendê-las pode ser, inclusive, um modo de colocá-la a contrapelo, em “movimento contracíclico”. É curioso observar, por exemplo, como o problema da aceleração social do tempo ganha tradução nos mecanismos educativos através de algo que vimos chamando de apelos das “classes ansiosas”. Entenda-se na expressão metafórica, a presença de grupos sociais, que dão seguimento a uma demanda por aprendizagem antecipatória e acelerada: aquisição precoce de línguas estrangeiras, especialmente do inglês, ter experiências internacionais com os filhos ainda trajando fraldas, promover a concentração de ofertas das mais variadas modalidades de ensino, exigir cumprimento de programas escolares concentrados e acompanhados de ofertas de grande número de disciplinas, etc. A ansiedade não é, porém, fenômeno apenas psicológico, mas se insere na compreensão de classes e grupos sociais de que se trata de mais bem preparar os seus filhos para enfrentar uma realidade altamente competitiva – neste segmento particular o que reluz é, certamente, postos de mando, direção, dos lugares estratégicos reservados aos formuladores de políticas e de tomada de decisões. Em uma palavra e para retomar a nossa discussão: está em jogo, nos tempos correntes, e pensando o problema de maneira não restrita às “classes ansiosas”, a própria formação dos indivíduos entendidos como “empreendedores de si mesmos”. O “neossujeito”, que não tem tempo a perder, mais do que sonhos, desejos, esperanças, utopias, sentido de compartilhamento, deve envergar e praticar o dístico pragmático de viver sob os lineamentos materiais e existenciais da concorrência.

Bibliografia.

AMARAL, Olavo. Intoxicado de ofertas. Revista **Piauí**, nº. 108, 9/09/2015.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Nova York: Oxford University Press, 2009

CITELLI, Adilson. Tecnocultura e educomunicação. Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul, Revista **Rizoma**, 2015. <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>

CRARY, Jonathan. *24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo, Cosac Naify, 2014

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian Laval. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, Boitempo, 2016

HABERMAS, Jurgens. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo, Martins Fontes, 2012. 2v
_____. “Sur le droit et la démocratie. Note pur un débat”, in **Le Débat**, nº 97, Nov/Dez, 1997

KERCKHOVE, Derrick de. E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico. In: Revista **Matrizes**. São Paulo, ECA-USP/PPGCOM, V. 9 - Nº 1 jan./jun. 2015

_____. Arquitetura da inteligência: interfaces do corpo, da mente e do mundo. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora Unesp, 2003

MENDILOW, Adam Abraham. **Time and the novel**, New York, Prometheus Books, 2000

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. São Paulo, Intrínseca, 2014

RIESNAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo, Perspectiva, 1971

ROCHA, Everardo. Prefácio. In: DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens. Por uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2009

ROSA, Hartmut. **Social acceleration: A new theory of modernity**. New York, Columbia University Press, 2015

SERRES, Michel. **A lenda dos anjos**. São Paulo: Editora Aleph, 1995